

PERSPECTIVAS DE GÊNERO PARA UMA
PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NO MATOPIBA



MATOPIBA: SUSTENTABILIDADE, DIVERSIDADE E GÊNERO



GOOD
GROWTH
PARTNERSHIP

CONSERVAÇÃO
INTERNACIONAL



Brasil

PERSPECTIVAS DE GÊNERO PARA UMA
PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NO MATOPIBA

MATOPIBA: SUSTENTABILIDADE, DIVERSIDADE E GÊNERO

Brasília/DF, 2021

REALIZAÇÃO

Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil)

COORDENAÇÃO E REVISÃO

Gerente Sênior de Produção Sustentável

Karine Barcelos

Coordenadora de Projetos

Iamilly Cunha

PESQUISA E CONTEÚDO

Coordenação

Ana Cecília Kreter (EConsult)

Especialista Técnico

Jefferson Staduto (EConsult)

Especialista de Comunicação

Mariana Cristina dos Santos Resende (EConsult)

Assistentes

Patrícia Estanislau, Rafael Pastre, Cleyton Vilarino

COAUTORIA

Gisela Introvini

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Javiera de la Fuente C.

ILUSTRAÇÕES

Augusto Lopes dos Santos Borges, Leonardo Simão Lago Alvite

TABELAS E GRÁFICOS

Jefferson Staduto, Ana Cecília Kreter

FOTOS

Pixabay (capa), Flavio Forner / Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil)

1ª edição

A série de cartilhas *Perspectivas de Gênero para uma Produção Sustentável no MATOPIBA* faz parte da iniciativa global Parceria para o Bom Desenvolvimento (Good Growth Partnership – GGP), implementada pela Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil), com apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e financiamento do Fundo Global para o Meio Ambiente (Global Environment Facility – GEF). No Brasil, o projeto visa promover o estabelecimento de paisagens agrícolas sustentáveis que conciliem a produção de soja e a conservação da natureza na região do MATOPIBA.

APRESENTAÇÃO

Assegurar a eficiência na gestão de recursos naturais e garantir sua manutenção para as futuras gerações são algumas das grandes questões quando se discute a sustentabilidade do empreendimento rural, assim como o aumento da produção e a manutenção do bem-estar da população no campo.

Se todas essas variáveis são imprescindíveis para compreender os desafios do meio rural brasileiro, discutir o papel da mulher, suas peculiaridades e suas oportunidades torna as análises e os desafios sobre o espaço rural ainda mais instigantes. Mais que compilar números, perceber essa realidade a partir do olhar feminino traz elementos que expressam uma rica narrativa de mudanças na estrutura da própria sociedade, estabelecendo novos paradigmas para uma produção mais sustentável.

É pensando nisso que o projeto Parceria para o Bom Desenvolvimento, por meio do Fundo Global para o Meio Ambiente (Global Environment Facility – GEF), publica a coleção de dez cartilhas intitulada **Perspectivas de Gênero para uma Produção Sustentável no MATOPIBA**.

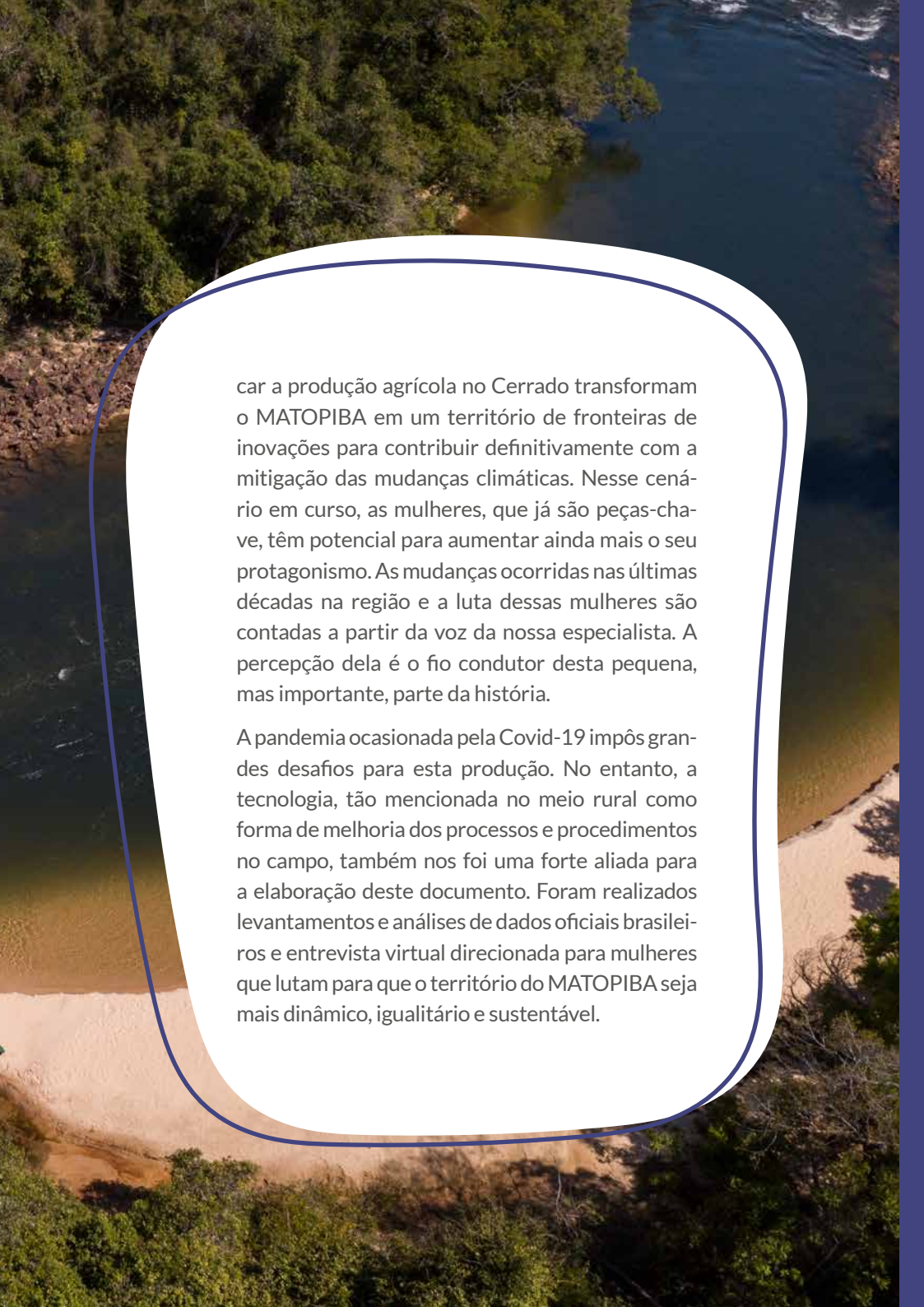
Nesta cartilha, trazemos o tema **MATOPIBA: sustentabilidade, diversidade e gênero**. A expansão da fronteira agropecuária sobre o Cerrado trouxe a soja e uma nova dinâmica de produção para a região. No entanto, há um forte esforço da sociedade para introduzir um agregado a esse produto, com altos níveis de tecnologias que priorizam não só a produtividade, mas também as boas práticas de manejo do solo aliadas à preservação ambiental. Qual a importância do desenvolvimento sustentável no MATOPIBA? Qual o papel da mulher nos empreendimentos agropecuários? E como os modos de vida das pessoas que chegaram do MATOPIBA se entrelaçaram com as comunidades locais? Essas são algumas das perguntas norteadoras a que buscamos responder. E, para contribuir com esse olhar, no decorrer desta publicação, apresentaremos as percepções da especialista **Gisela Introvini**.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Esta cartilha é uma contribuição para a compreensão da dinâmica econômica e social para a produção sustentável na cadeia da soja, sob a perspectiva de gênero. Falar dessa produção é um grande desafio para a agropecuária brasileira. A partir da narrativa de uma grande especialista, são apresentados os principais temas associados ao desenvolvimento sustentável, que envolvem os aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Buscamos também aprofundar o entendimento do papel dos diferentes atores e, em especial, das mulheres do MATOPIBA – acrônimo criado a partir das iniciais dos respectivos estados componentes – Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. A importância de aumentar a sustentabilidade da produção tornou-se um compromisso não somente da cadeia da soja, mas também de todos os segmentos da sociedade e das várias esferas de governo, mesmo que se manifeste em níveis diferentes de engajamento. As tecnologias desenvolvidas para alavan-



car a produção agrícola no Cerrado transformam o MATOPIBA em um território de fronteiras de inovações para contribuir definitivamente com a mitigação das mudanças climáticas. Nesse cenário em curso, as mulheres, que já são peças-chave, têm potencial para aumentar ainda mais o seu protagonismo. As mudanças ocorridas nas últimas décadas na região e a luta dessas mulheres são contadas a partir da voz da nossa especialista. A percepção dela é o fio condutor desta pequena, mas importante, parte da história.

A pandemia ocasionada pela Covid-19 impôs grandes desafios para esta produção. No entanto, a tecnologia, tão mencionada no meio rural como forma de melhoria dos processos e procedimentos no campo, também nos foi uma forte aliada para a elaboração deste documento. Foram realizados levantamentos e análises de dados oficiais brasileiros e entrevista virtual direcionada para mulheres que lutam para que o território do MATOPIBA seja mais dinâmico, igualitário e sustentável.



GISELA INTROVINI

Paranaense de nascimento, a engenheira agrônoma adquiriu experiência nas cooperativas de sua terra natal. A especialização na produção de sementes motivou-a a ir para o Maranhão, onde reside há mais de 25 anos. Sua relação com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Corredor de Exportação Norte “Irineu Alcides Bays” (FAPCEN) também é dessa época. Atualmente, Gisela é superintendente da instituição. Paralelamente às atividades da FAPCEN, ela é presidente da Associação das Mulheres do Agro, vice-presidente, representando os produtores rurais, da Associação Mesa-Redonda de Soja Responsável (Round Table on Responsible Soy Association – RTRS) e coordenadora do Agrobalsas, o maior evento do agronegócio do estado do Maranhão.

MATOPIBA, UMA REGIÃO DE OPORTUNIDADES

A busca de novas terras agricultáveis no Brasil fez com que a fronteira agrícola chegasse, na segunda metade da década de 80, até a área conhecida hoje como MATOPIBA. A região, na época já habitada por pequenos produtores, agricultores familiares e povos e comunidades tradicionais, presenciou uma grande transformação nos sistemas de produção. Atualmente, o MATOPIBA é uma das regiões de referência nas culturas de soja, milho e algodão, além da pecuária de corte.

Tabela 1 - MATOPIBA: principais produtos agropecuários (2018)

Regiões	Soja (toneladas)	Milho (toneladas)	Algodão (toneladas)	Rebanho bovino (cabeças)	Rebanho suíno (cabeças)
Bahia*	6.309.147	2.058.883	1.240.673	1.790.462	160.476
Piauí*	2.428.464	1.300.420	24.265	437.699	56.325
Tocantins*	2.667.936	812.816	8.000	8.352.513	318.975
Maranhão*	2.606.906	1.185.992	91.654	5.497.791	737.420
MATOPIBA (II)	14.012.453	5.358.111	1.364.592	16.078.465	1.273.196
Brasil (I)	117.912.450	82.366.531	4.956.125	213.809.445	41.231.856
(II)/(I)	11,9%	6,5%	27,5%	7,5%	3,1%

Fonte: IBGE (2018).

*Foram considerados apenas os municípios pertencentes ao MATOPIBA.

De fato, o MATOPIBA se tornou uma região estratégica para o agronegócio brasileiro. Mais recentemente, essa região também passou a ser conhecida pela sua biodiversidade¹ e riqueza sociocultural. A tecnologia que aumentou a produtividade por hectare está sendo a mesma que está promovendo formas

1. Segundo o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPAN), existem no Cerrado 2.653 espécies de animais vertebrados e cerca de 12.000 plantas catalogadas. O Cerrado é a vegetação savânica mais rica em biodiversidade do mundo. Disponível em: <<https://bit.ly/3kpGjRn>>.

de cultivos mais sustentáveis, com a recuperação de áreas degradadas e a adoção de sistemas de rotação e sucessão de culturas, como a prática do plantio direto na palha.

O desenvolvimento tecnológico que chegou à região com o cultivo da soja também tem potencial para se espalhar para as atividades locais. “O povo nativo – comunidades locais – que não plantava soja aprendeu, por meio dessa cultura, a fazer com que outras culturas relacionadas à agricultura familiar sejam mais produtivas, observando a adaptabilidade de novas cultivares e variedades, participando de dias de campo e diversificando culturas. Dessa forma, estamos tratando o agronegócio familiar da mesma maneira como tratamos até agora o empresário rural, transferindo informações e tecnologias inovadoras a todos”, afirma Gisela Introvini, engenheira agrônoma e superintendente da FAPCEN. “Nós já fazemos isso em diversos municípios que plantam soja, com incentivos na parte de inclusão e capacitação de pessoas por meio de cursos e treinamentos”, comenta Introvini ao se lembrar das ações que acompanhou na região nos últimos 25 anos.

Do desenvolvimento rural ao desenvolvimento sustentável

“Para avançarmos com a questão de mudanças climáticas, nós temos que ouvir mais a pesquisa, nós temos que ouvir mais os pesquisadores.”

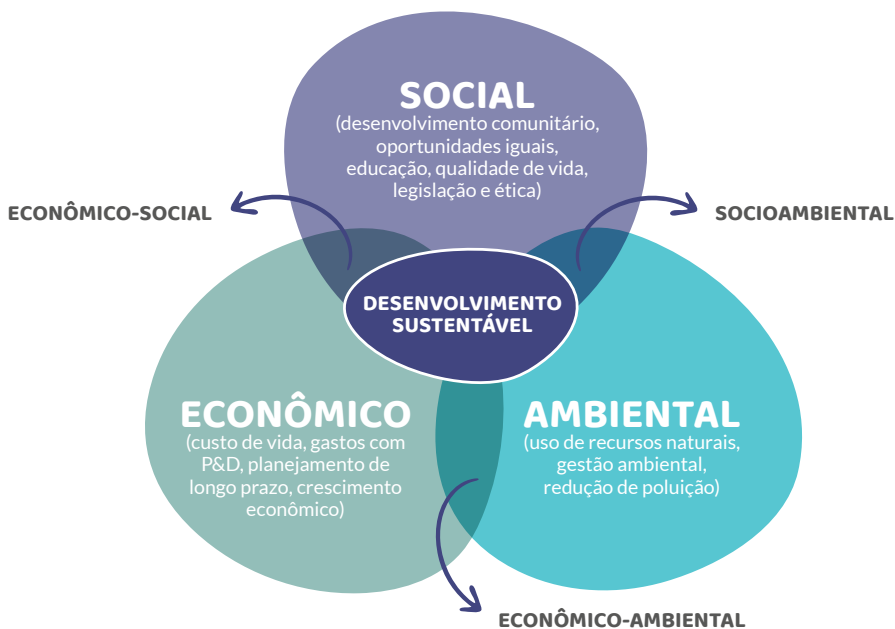
Gisela Introvini

As mudanças nos sistemas de produção acompanharam a própria evolução do entendimento do que é desenvolvimento rural. Da Revolução Verde, na década de 50, até os dias de hoje, esse conceito incorporou outras abordagens, que passaram a pensar o desenvolvimento além da produção de alimentos e do au-

mento da produtividade. A segurança alimentar continuou a ser importante, mas atribuir valores sociais e ambientais em suas regiões de origem reflete conquistas mais recentes. Nesse sentido, pensar em políticas públicas para as áreas rurais se tornou um desafio ainda mais complexo. Em outras palavras, respeitar a dinâmica do território e promover o bem-estar da população local é tão importante quanto a própria agropecuária. E essa dinâmica pode ser representada através de três pilares do desenvolvimento sustentável – social, econômico e ambiental – e de suas respectivas combinações.

1. Econômico-ambiental: eficiência energética, subsídios e incentivos ao uso de recursos naturais.
2. Socioambiental: justiça ambiental, equidade intergeracional, apoio às comunidades locais.
3. Econômico-social: direitos trabalhistas, mercados *fair trade*, ética nos negócios.

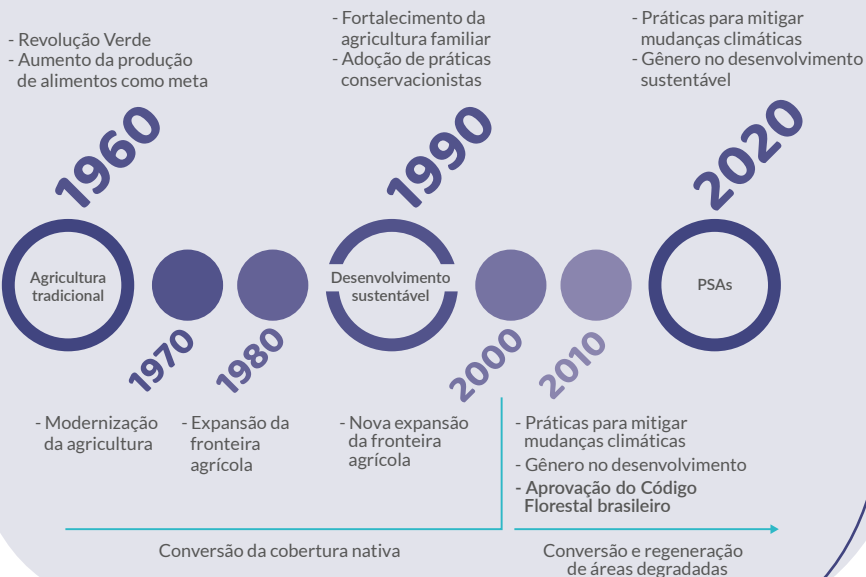
Figura 1 - Três pilares do desenvolvimento sustentável



Obs.: P&D – pesquisa e desenvolvimento.

Você sabia?

Entre a década de 60 e os dias de hoje, o conceito de desenvolvimento rural incorporou novas abordagens, que vieram como respostas às demandas do campo. Produzir alimentos logo após o fim da Segunda Guerra Mundial foi a primeira delas. Muitas regiões enfrentavam períodos de fome severa e precisavam ser atendidas. A partir da década de 70, questões sociais passaram a ser as protagonistas. E mais recentemente, na década de 90, foi incorporada a agenda ambiental, que trouxe a necessidade de pensar formas de produção com menos impacto nos ecossistemas e na biodiversidade do território para mitigar as alterações do clima em nível global. Nesse sentido, o Brasil, como um dos principais produtores mundiais de *commodities* agrícolas e possuidor de grandes áreas de vegetação nativa, tem se destacado nos debates internacionais ao propor uma nova lei de proteção da vegetação nativa (Código Florestal) e regulamentar programas como o de Pagamentos por Serviços Ambientais (PSAs), que será abordado na Cartilha 9 desta série. Vale lembrar que a implementação dos PSAs está sujeita ao esforço do governo federal de fazer a regularização ambiental (Cartilha 1) e ao comprometimento dos produtores em realizar a gestão dos capitais naturais (Cartilha 7) das suas propriedades rurais.



Fonte: Ellis e Biggs (2001) aptado por ECONSULT.

SUSTENTABILIDADE E GÊNERO: QUANDO DUAS INICIATIVAS SE ENCONTRAM

Nossa especialista foi enfática ao afirmar que as mulheres costumam ser mais sensíveis à temática ambiental. Segundo ela, essa sensibilidade pode ser observada nas diferentes etapas da cadeia de produção – seja na orientação do manejo mais sustentável, na adoção de novas tecnologias ou ainda na comercialização de produtos da sociobiodiversidade, que estão diretamente conectados ao extrativismo e, conseqüentemente, à preservação da vegetação nativa.

Gisela Introvini também ressalta o papel da mulher na tomada de decisão ao agregar formas de valor à produção. As mulheres participam de cursos e treinamentos e aprendem a valorizar o trabalho delas e de todos os profissionais na propriedade. Esse treinamento é oferecido, por exemplo, pela FAPCEN, que capacita e certifica os participantes.

“Observamos que, nas propriedades rurais certificadas pela FAPCEN, muitas mulheres se destacam com um novo olhar, que traduz novos valores à terra, à propriedade e ao território onde estão inseridas.”

Gisela Introvini



Segundo Introvini, o mais importante ao participar dessa certificação é ampliar a sua capacidade de gestão, conhecendo melhor os riscos a que toda propriedade agropecuária está sujeita, além de seus direitos e deveres. Esse tipo de conhecimento é importante para que não haja “nenhum risco agropecuário causado por algum problema, que pode ser desde o derramamento de óleo na propriedade, como alguma embalagem de agroquímico exposta ao meio ambiente, até o trabalho com as comunidades na prevenção de queimadas”, complementa Introvini.

A percepção da especialista, nesse caso, é fundamental, já que são poucos os dados que associam a participação das mulheres com a adoção de atividades mais sustentáveis. Para as boas práticas de manejo do solo, como o plantio direto, no entanto, a realidade é outra.

Plantio direto, o grande aliado de uma produção mais sustentável

“Nós trabalhamos na busca do desenvolvimento sustentável a partir da soja produzida aqui na região, para valorizar a terra e trazer maior visibilidade da sua rastreabilidade quando o produto for comercializado.”

Gisela Introvini

O plantio direto é um sistema de manejo do solo que não só melhora suas características químicas, físicas e biológicas, mas também preserva a sua umidade, evita erosões e contribui para a manutenção de sua biota. Na prática, o plantio da soja é feito através da colocação direta de sementes e adubos no solo não revolvido e coberto por restos vegetais de outras culturas (palhada). No Brasil, esse sistema é bastante difundido na produção de soja por meio do uso da palhada, por ser de fácil adaptação e de baixo custo. O sistema de plantio direto na palha² consiste na manutenção de uma cobertura vegetal para o solo, que faz com que este apresente maior desempenho no sequestro de carbono. Atualmente, são 33,1 milhões de hectares cultivados com plantio direto na palha em território brasileiro³, cerca de 10% desse total apenas no MATOPIBA.

2. Disponível em: <<https://bit.ly/2XOIHOG>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

3. IBGE (2019).



Tabela 2 - MATOPIBA: total de estabelecimentos e estabelecimentos que usam plantio direto na palha (2017)

Estados*	Total	Estabelecimentos que usam plantio direto	Participação do plantio direto no total
Tocantins	63.647	2.306	3,6%
Maranhão	146.592	11.271	7,7%
Piauí	22.599	582	2,6%
Bahia	56.588	2.404	4,2%
MATOPIBA	289.426	16.563	5,7%

Fonte: IBGE (2019).

*Foram considerados apenas os municípios pertencentes ao MATOPIBA em cada estado.

Esse sistema ganhou força nas últimas duas décadas, e a expectativa da Federação Brasileira do Sistema Plantio Direto é de manutenção desse crescimento para os próximos anos. Com uma pauta ambiental cada vez mais forte, a adoção de sistemas como o plantio direto no Brasil se tornou uma das práticas fundamentais para a preservação ambiental, que conta com incentivos para alavancar sua adoção, como a disponibilidade de linhas de crédito específicas para o financiamento desse sistema de produção. E, como será apresentado na Cartilha 3, promover práticas sustentáveis por meio de incentivos econômicos é uma das formas de difundir essas técnicas.

Gênero e educação: disseminando boas práticas de preservação

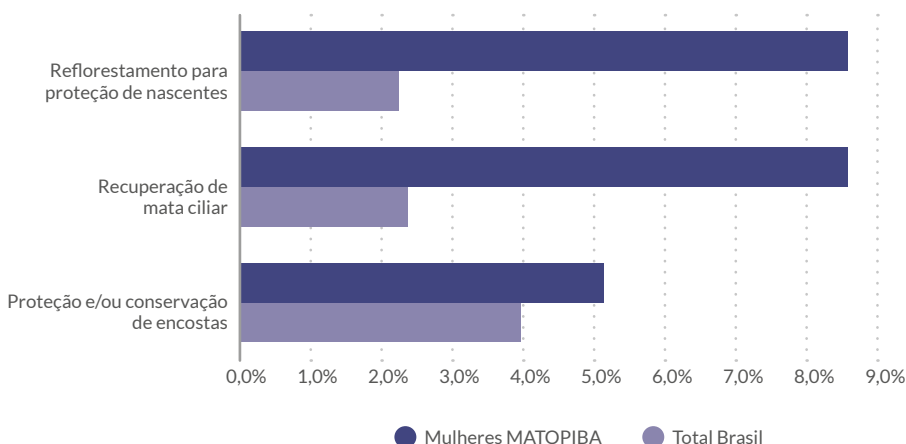
“O entrelaçar de forças nos une, principalmente, na busca desse desenvolvimento sustentável a partir da soja aqui produzida.”

Gisela Introvini

Além do plantio direto, existem outras práticas agrícolas que contribuem para o desenvolvimento sustentável de uma região. Como apontou nossa especialista, o conhecimento é o principal caminho para promover a produção associada à preservação ambiental. E as mulheres do MATOPIBA podem provar isso através de três práticas.

O censo agropecuário aponta que poucas propriedades brasileiras adotam reflorestamento para proteção de nascentes (2,2%), recuperação de mata ciliar (2,4%) e proteção e/ou conservação de encostas (4,0%). No entanto, quando selecionamos apenas as produtoras rurais com pós-graduação, a diferença é significativa. Essas iniciativas quase que dobram em suas propriedades.⁴

Figura 2 - Tipo de prática agrícola: total Brasil e mulheres com pós-graduação* no MATOPIBA (2017)



Fonte: IBGE (2019).

*Produtoras rurais com mestrado ou doutorado concluído.

A adoção de boas práticas agrícolas tem o potencial de reduzir a emissão de carbono e preservar a cobertura vegetal nativa. Expandir a fronteira agrícola para novas áreas é “uma decisão que pode acontecer, mas que vai vir através do tempo. Eu acredito que não adianta promover a abertura de áreas se isso pode gerar problemas climáticos depois”, refletiu Gisela. Como a especialista apontou, o conhecimento não é só peça-chave para a expansão da adoção

4. Resultados semelhantes também são observados entre os homens com pós-graduação.

de boas práticas de manejo do solo. Ele ajuda a entender como as decisões tomadas hoje podem impactar a região no longo prazo, seja no MATOPIBA, seja em outras partes do Brasil. O que as produtoras e produtores rurais precisam é de acesso à capacitação, aprender novas técnicas e trocar experiências. Porque educação é um bem que se acumula, é o melhor investimento no presente para colher frutos no futuro.

NÓS, MULHERES, LIDERANÇAS DO MATOPIBA

O território que constitui o atual MATOPIBA é rico não só em biodiversidade, mas também em culturas e tradições. E as mulheres fazem parte dessa história. É justamente dentro das propriedades que deveriam ocorrer grandes mudanças em prol da equidade de gênero. Entre os anos de 2006 e 2017, aumentou a participação de estabelecimentos agropecuários dirigidos por mulheres (18,1%), fazendo com que a região se aproximasse da média nacional (18,9%).⁵

Tabela 3 - MATOPIBA: total de estabelecimentos agropecuários, estabelecimentos agropecuários dirigidos por mulheres e percentual de mulheres dirigentes

Regiões	Total de estabelecimentos	Estabelecimentos dirigidos por mulheres	Estabelecimentos dirigidos por mulheres
Tocantins	63.647	10.347	16,3%
Maranhão	146.592	27.795	19,0%
Piauí	22.599	3.666	16,2%
Bahia	56.588	10.518	18,6%
MATOPIBA	289.426	52.326	18,1%

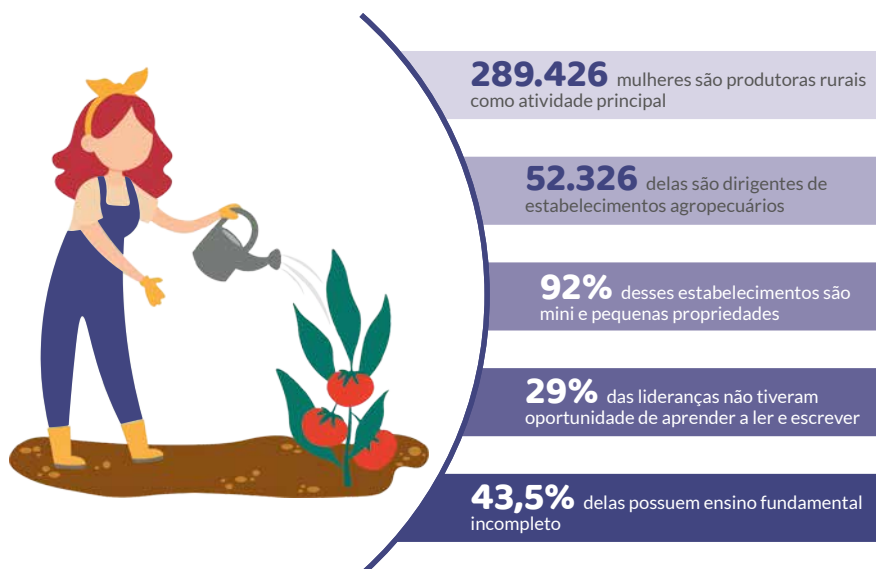
Fonte: IBGE (2019).

No entanto, entre os estados, foram constatadas diferenças significativas. O Maranhão liderou o *ranking*, com 19,0%. Em último lugar, ficaram os estados do

5. IBGE (2019).

Piauí (16,2%) e do Tocantins (16,3%). Segundo Gisela Introvini, existe um forte movimento de entrada de mulheres em cargos estratégicos nas diferentes etapas da cadeia produtiva. A paranaense diz que percebe as mudanças ocorridas na região desde que chegou, em 1998, e hoje apresenta com orgulho o envolvimento de mulheres nas tomadas de decisão, além do aumento da participação delas em cargos de liderança. Mesmo assim, Introvini reconhece que boa parte delas ainda carece de algum tipo de apoio.

Figura 3 - MATOPIBA: perfil das lideranças femininas (2017)



Fonte: IBGE (2019).

*Minipropriedades são empreendimentos agropecuários com menos de 10 hectares; já os pequenos têm entre 11 e 200 hectares (Alcântara Filho e Fontes, 2009).

Apesar de todas as dificuldades, as mulheres do MATOPIBA têm se mostrado ativas e resilientes. Não é por acaso que instituições como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização das Nações Unidas (ONU) reconhecem a mulher como um importante agente multiplicador de políticas públicas. Além do grande potencial vindo da educação formal e dos cursos e treinamentos, elas também são bastante receptivas ao aprendizado de novos conhecimentos. Suas contribuições, sem dúvida, passam suas responsabilidades dentro das propriedades. Elas representam

comumente o elo de suas comunidades, o que acaba sendo uma importante estratégia para enfrentar os novos desafios que estão no horizonte.

GGP e as lideranças femininas

O projeto Parceria para o Bom Desenvolvimento (Good Growth Partnership – GGP) atua em dez municípios no MATOPIBA, cinco no estado do Tocantins e cinco na Bahia. Localizados em regiões estratégicas de produção de soja, esses municípios trazem um dado curioso sobre as lideranças femininas. Neles, a participação de mulheres como dirigentes de estabelecimentos agropecuários é de 20,8% – ficando acima da média do MATOPIBA (18,1%) e também da média nacional, que é de 18,9%. Destaque para São Desidério, Barreiras e Palmas.

Tabela 4 - MATOPIBA: estabelecimentos agropecuários dirigidos por mulheres em municípios selecionados (2017)

Municípios	Total	Dirigidos por mulheres	Dirigidos por mulheres
Monte do Carmo (TO)	831	109	13,1%
Porto Nacional (TO)	1.724	350	20,3%
Santa Rosa do Tocantins (TO)	540	66	12,2%
Silvanópolis (TO)	366	48	13,1%
Palmas (TO)	1.229	285	23,2%
Barreiras (BA)	2.171	520	24,0%
Formosa do Rio Preto (BA)	1.344	232	17,3%
Luís Eduardo Magalhães (BA)	415	76	18,3%
Riachão das Neves (BA)	1.625	297	18,3%
São Desidério (BA)	2.284	626	27,4%
Total	12.529	2.609	20,8%

Fonte: IBGE (2019).

Introvini aponta ainda que os migrantes, que chegaram à região a partir da década de 80, trouxeram toda a família. As mulheres dessas famílias, por sua vez, também são elementos centrais nas tomadas de decisão dentro da propriedade. Infelizmente, o envolvimento percebido por Gisela “nos bastidores” não é captado totalmente pelo censo agropecuário, em especial quando se trata da produção de soja.

Muitas especialistas entrevistadas para esta série de cartilhas também comprovam a presença de mulheres com diferentes especializações nas etapas da cadeia produtiva de grãos. A diferença é que, para o caso específico da soja, o que aconteceu foi a entrada delas num mundo até então predominantemente masculino. Por isso, constatar que 8,3% dos estabelecimentos agropecuários que produzem soja no MATOPIBA são liderados por mulheres já é uma grande vitória. A participação é pequena, mas tem inspirado novas gerações a mostrar que elas podem ser o que quiserem, inclusive gestoras de propriedades rurais.

Tabela 5 - MATOPIBA: total de estabelecimentos agropecuários que produzem soja e estabelecimentos dirigidos por mulheres (2017)

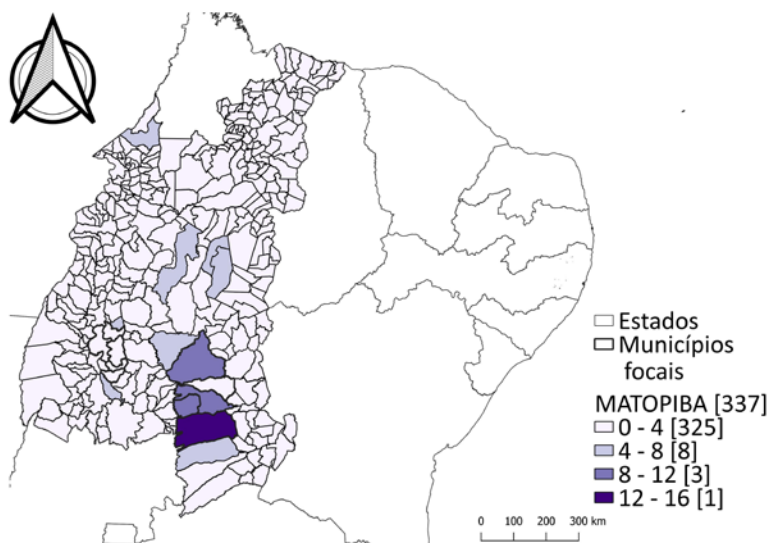
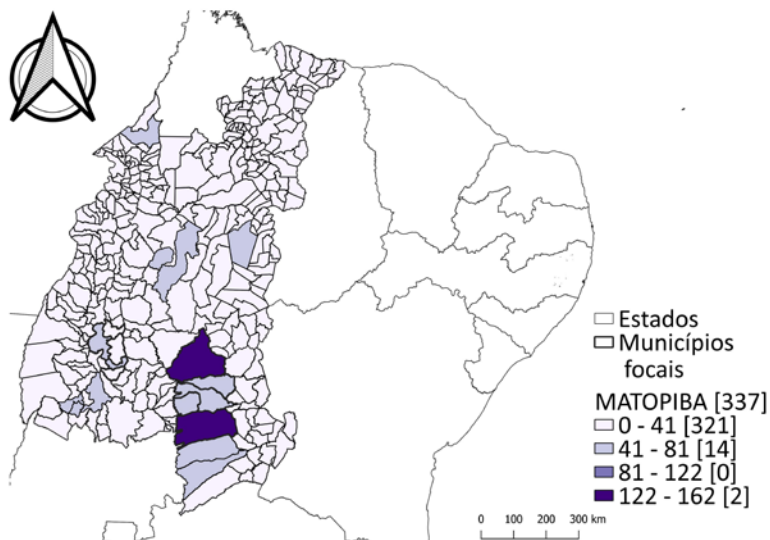
Regiões	Total de estabelecimentos	Estabelecimentos dirigidos por mulheres	Estabelecimentos dirigidos por mulheres
Tocantins	977	65	6,7%
Maranhão	399	39	9,8%
Piauí	216	22	10,2%
Bahia	635	59	9,3%
MATOPIBA	2.227	185	8,3%

Fonte: IBGE (2019).

Na produção de soja, as lideranças estão localizadas predominantemente nos estados de Tocantins e Bahia – não por acaso, é onde as principais ações do projeto Parceria para o Bom Desenvolvimento estão sendo realizadas.

Figura 4 - MATOPIBA: estabelecimentos agropecuários que produzem soja e estabelecimentos dirigidos por mulheres (2017)

Destaque para os municípios focais do projeto Parceria para o Bom Desenvolvimento



Fonte: IBGE (2019).

Existem diversas razões que contribuem para a concentração de uma cultura em uma determinada região. Quatro delas são clima, solo, relevo e disponibilidade de tecnologia apropriada. Todas as quatro impactam diretamente a produção por hectare. Nossa especialista aponta que as mulheres são mais abertas a experimentar e implementar novas técnicas de manejo sustentável. E foi com essa inspiração que a série de cartilhas também trouxe dois temas ligados às alternativas de produção nas propriedades – a expansão responsável da soja (Cartilha 5) e a intensificação sustentável da cadeia da pecuária (Cartilha 6), cobrindo, assim, dois dos principais produtos agropecuários do MATOPIBA.

Também é nessa região que alguns projetos-piloto de adoção de sistemas integrados e de sucessão de culturas estão sendo implementados, como o projeto ABC Soja Sustentável, uma parceria da Conservação Internacional com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Através desses projetos, são definidas as culturas mais apropriadas para serem produzidas junto com a soja e a melhor forma de manejo do solo. E novamente a sensibilidade das mulheres se destaca. Na Cartilha 2, nossas especialistas falam de forma aberta sobre a importância do Plano de Agricultura de Baixo Carbono (Plano ABC), que foi recentemente reestruturado e passou a se chamar Plano ABC+, com validade para o próximo decênio (2021-2030).

É como proprietária que eu tenho a oportunidade de assumir a gestão

“Oferecemos cursos e treinamentos para que elas possam competir tecnicamente de igual para igual com os homens.”

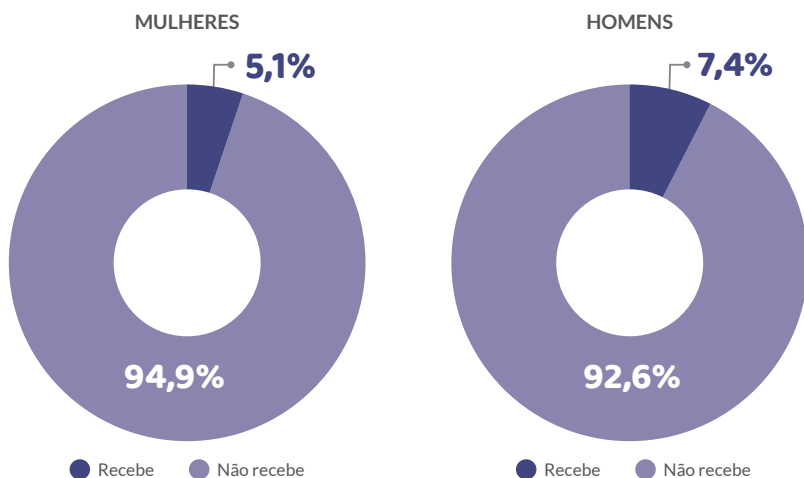
Gisela Introvini

No MATOPIBA, a maior parte das propriedades é administrada pelo seu próprio dono. Cerca de 72% das mulheres e 75% dos homens assumem a gestão do seu estabelecimento, o que mostra que a maioria dessa população tem como atividade – principal ou secundária – a agropecuária. Aparentemente, esse nú-

mero parece equilibrado. No entanto, quando a questão passa a ser “quem vai trabalhar como gestor na minha propriedade”, decisão que 28% das mulheres e 25% dos homens precisam tomar, a participação das mulheres como gestoras cai para 4,4%. Em outras palavras, se não for em sua propriedade, a mulher quase nunca tem a chance de assumir a administração geral de um estabelecimento. Isso não só mostra a importância do seu vínculo com o território e a produção, como também sugere que ter ou não a propriedade da terra pode ser um fator determinante para a sua manutenção no campo, principalmente daquelas que têm ocupações ligadas mais diretamente à gestão da cadeia produtiva.

Como será apresentado na Cartilha 4 (inovações tecnológicas), diversas decisões são tomadas a partir do pacote tecnológico disponível. Um dos serviços fundamentais é o oferecido pela Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater). Apesar de a Ater estar presente em todos os estados do Brasil por meio das agências públicas, e o serviço de extensão rural ser oferecido também por instituições privadas, a grande maioria dos produtores brasileiros – mulheres ou homens – não acessa regularmente a orientação técnica. O MATOPIBA segue a tendência nacional.

Figura 5 - MATOPIBA: acesso à orientação técnica nos estabelecimentos agropecuários (2017)



Fonte: IBGE (2019).

Os impactos dessa restrição podem ser percebidos na aquisição de insumos – o que comprar, como usar, como otimizar –, no manejo dos recursos naturais, em

especial dentro da propriedade, ou ainda na escolha dos melhores cultivares. E as consequências aparecem novamente nos resultados de produtividade do estabelecimento, influenciando a decisão dos membros da família de permanecer na propriedade ou de buscar emprego em outras atividades.

Sabendo disso, o governo federal, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), lançou, em outubro de 2020, o programa Ater Digital⁶. Esse programa tem como objetivo fortalecer e ampliar a Ater por meio da adoção de tecnologias da informação e comunicação (TICs) nas ações da instituição. Iniciativas como essa são muito bem-vindas, em especial para as pequenas e médias propriedades rurais.

DIFERENTES POVOS, MUITAS CULTURAS

Apesar de o MATOPIBA ser conhecido pelas atividades agropecuárias, inúmeros povos tradicionais habitam seu território. Introvini diz que o apoio a essas comunidades deve caminhar junto com o desenvolvimento da região. No caso específico da soja, ela aponta que o compromisso das propriedades certificadas pela Associação Mesa-Redonda de Soja Responsável (Round Table on Responsible Soy Association – RTRS)⁷ deve ir além das regras estabelecidas pela associação.

“No meu entendimento, toda propriedade certificada tem que estar atrelada a um trabalho social nas comunidades próximas. Esse entrosamento vem acontecendo e está contribuindo para a valorização territorial, minimizando as grandes diferenças sociais ainda existentes nessas regiões.”

Gisela Introvini



6. Disponível em: <<https://bit.ly/38anImO>>.

7. A RTRS segue em pleno crescimento nos principais países produtores de soja.

O que as estatísticas dizem sobre os povos e as comunidades tradicionais?

Ainda não há um número preciso de quantos povos e comunidades tradicionais existem no Brasil. No entanto, iniciativas como a das organizações não governamentais (ONGs) Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) e Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) têm contribuído muito para o cadastramento desses grupos. “Construído a partir do diálogo com moradores e associações de áreas rurais do Cerrado, o aplicativo Tô no Mapa⁸ permite que comunidades tradicionais e agricultores familiares de todo o Brasil façam o automapeamento de seus territórios”, declara o Ipam. Apesar da abrangência nacional, o aplicativo foi criado originalmente para suprir a carência de dados oficiais em uma área de cerca de 32 milhões de hectares no Cerrado. E o engajamento das duas ONGs deu resultado. Até agora, foram identificadas 2.398 comunidades em 168 municípios – apenas 24 deles fora dos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.



Fonte: IPAM e ISPN.

Obs.: Imagem idêntica à original.

8. Disponível em: <<https://bit.ly/3yk0eWK>>.



Quilombolas, vozes ativas do Cerrado

“Através dos encontros que a FAPCEN organiza, buscamos integrar as mulheres que estão na agricultura com as mulheres de comunidades tradicionais, que já estão há mais tempo na região.”

Gisela Introvini

A concessão de terras indígenas e a titulação de comunidades quilombolas são formas de identificação desses povos tradicionais. No território do MATOPIBA, foram localizados 11,0% de todos os estabelecimentos em terras indígenas do Brasil. Para os quilombolas, a participação foi ainda maior (33,7%). Nessas comunidades, a presença das mulheres em posições de liderança chega a 26,2%, ficando muito acima tanto da média do MATOPIBA (18,1%) quanto da média do Brasil (18,9%).

A voz das mulheres contribui para as tomadas de decisão em diferentes esferas, mas, segundo Gisela, todos os povos e comunidades tradicionais, inclusive os agricultores familiares, são importantes para o desenvolvimento sustentável da região.

“Existe todo um processo de identificação e reconhecimento por parte dessas mulheres, mas nem sempre foi assim. Quando eu cheguei aqui, quem pertencia a uma comunidade quilombola tinha vergonha de dizer que era de lá. Hoje elas, e eles também, falam com orgulho sobre isso.”



Gisela Introvini

Por isso, falar de políticas públicas territoriais é também falar de políticas públicas para povos e comunidades tradicionais. Gisela fala da importância de enaltecer o território e de promover a integração pecuária e a produção de grãos com o turismo. Sua proposta é fomentar oportunidades para diminuir as grandes diferenças sociais que ainda existem, porque “essas pequenas comunidades jamais vão plantar soja, elas vão querer viver da floresta que está ao seu redor, do meio em que elas estão inseridas”. Pela relevância dessa população para o MATOPIBA, a série sobre gênero e produção sustentável discute a temática na Cartilha 8.

IGUALDADE DE GÊNERO, UMA AGENDA TRANSVERSAL

A temática de gênero é essencialmente transversal, uma vez que está presente em todas as esferas da vida social, econômica e política. As instituições nacionais e estrangeiras de fomento ao desenvolvimento há muitos anos incorporaram em suas agendas o tema gênero como parte constituinte dos programas

de desenvolvimento, o que é fundamental para formar uma cultura de equidade em todos os lugares e setores da economia, inclusive na agricultura.

Ter políticas de gênero junto com o desenvolvimento sustentável do MATOPIBA é fundamental. Afinal, a soja “trouxe o despertar”, mas, como aponta Introvini, “agora precisamos arrumar a casa, precisamos de um forte arranjo nesse território”. De fato, a soja chegou à região trazendo rápidas transformações e muitos desafios.

“Nós somos os migrantes que transformaram chapadas consideradas pobres e improdutivas. Se estamos vivendo bem, é porque aqui é uma terra de oportunidade para todos. É lógico que nós temos que equilibrar. A parceria entre o agronegócio e as comunidades não tem que ter custo nenhum. Esse custo é oriundo dos trabalhos da certificação, é oriundo do pacto do índice de desenvolvimento humano (IDH) que nós estamos conduzindo através da coordenação da FAPCEN.”



Gisela Introvini

O diálogo com os atores locais é uma oportunidade para valorizar o que eles têm de melhor, além da cobertura vegetal nativa.

E é com orgulho das conquistas e confiante nos próximos passos que nossa especialista convida vocês para conhecer a série de cartilhas **Perspectivas de Gênero para uma Produção Sustentável no MATOPIBA**.

“Minha missão nesse território é quebrar paradigmas.”

Gisela Introvini

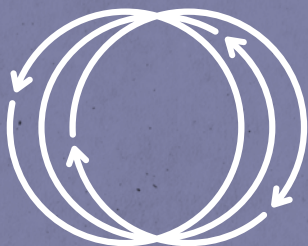
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCANTARA FILHO, J. L.; FONTES, R. M. O. A formação da propriedade e a concentração de terras no Brasil. **Revista Heera**, p. 63-85, 2009.

ELLIS, F.; BIGGS, S. Evolving themes in rural development 1950s-2000s. **Development Policy Review**, v. 19, n. 4, p. 437-448, 2001.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa agrícola municipal 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

_____. **Censo agropecuário 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3yhET0c>>. Acesso em: 22 nov. 2020.



GOOD GROWTH PARTNERSHIP

